



**CLUBE DE GEOGRAFIA DO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE
ODEMIRA**

CONTROLO DE ROEDORES COM AVES DE RAPINA



Documento de trabalho

Fernando Rodrigues de Almeida

Março de 2016

Alguma informação prévia

A atividade agrícola, interferindo na ocupação vegetal do meio natural, cria frequentemente condições favoráveis à proliferação de algumas espécies animais. Algumas dessas espécies que a agricultura beneficia acabam por ser elas próprias prejudiciais à agricultura, constituindo-se mesmo por vezes como verdadeiras pragas.

Esta situação é por certo tão antiga como a própria agricultura, e ao longo do tempo o Homem tem utilizado estratégias diversas para lidar com os problemas que as pragas agrícolas lhe colocam. Durante os últimos decénios essa resposta passou muitas vezes pela utilização de produtos fornecidos pela indústria química. Inicialmente aceites como bênção da tecnologia moderna, são hoje de questionável vantagem, sobretudo pelos impactos indiretos que têm sobre o ambiente e sobre os seres humanos.

O concelho de Odemira, em particular em vastas extensões do seu litoral, tem assistido a uma rápida mudança no uso tradicional do solo. As pastagens de bovinos e ovinos cedem cada vez mais espaço a uma agricultura intensiva, muitas vezes virada para a exportação. Esta mudança tende a ser acompanhada pela intensificação do uso de produtos químicos com os quais se tenta controlar as pragas. Mas é hoje sabido que a utilização de produtos tóxicos acabará inevitavelmente por, mais cedo ou mais tarde, nos causar danos. A somar a isso está a crescente exigência dos mercados para os quais

exportamos, também eles preocupados com as consequências potencialmente nefastas para a saúde humana de alguns métodos da agricultura intensiva.

Para além de muitas outras pragas que o agricultor tem de enfrentar nos seus campos, a proliferação de roedores afeta com frequência tanto os espaços de produção, como instalações de apoio (armazéns, depósitos de sementes, de fenos, de máquinas, etc.). Os roedores causam prejuízo nos campos e armazéns, mas por outro lado a utilização de raticidas para os combater é indesejável. Face a este problema assumem cada vez maior importância as técnicas que utilizam outras espécies para promover o controlo de roedores. É necessário conseguir uma utilização do planeta em benefício do Homem, mas sem comprometer os demais seres vivos nem o ambiente em que todos vivemos.

Provavelmente a forma mais fácil e eficaz de controlar populações de roedores sem utilizar produtos tóxicos, é a promoção das condições necessárias à fixação de predadores naturais desses mesmos roedores. Dito de uma forma simples, se o agricultor produz condições para a multiplicação de ratos, o mesmo agricultor pode promover as condições para a fixação de aves de rapina diurnas e noturnas, particularmente das espécies mais especializadas na predação desses mesmos ratos.

É assim que surge a ideia de tentar o controlo natural dos roedores nos campos explorados pela empresa GEMÜSERING PORTUGAL, que vê no Agrupamento de Escolas de Odemira

um parceiro interessante para levar por diante um trabalho experimental aplicado de controlo de roedores na sua área de implantação.

O projeto em si será desenvolvido no mínimo ao longo de dois anos letivos, e será constituído por várias etapas principais:

1 – conhecimento do terreno onde opera a GEMÜSERING PORTUGAL;

2 – conhecimento das técnicas geralmente usadas para a implantação bem-sucedida de ninhos artificiais para rapinas noturnas e diurnas;

3 – construção de ninhos artificiais em madeira;

4 – colocação dos ninhos artificiais no terreno;

5 – acompanhamento dos ninhos artificiais com verificação da sua ocupação, sucesso reprodutivo e hábitos alimentares dos residentes;

6 – produção de informação que replique o conhecimento obtido e motive outros agricultores para práticas ambientalmente sustentáveis.

Calendarização e intervenientes

O projeto decorrerá entre a primavera de 2016 e o verão de 2017, podendo ser continuado em anos seguintes se as partes envolvidas assim o entenderem.

Serão participantes neste trabalho o professor Fernando Almeida e a professora Dulce Raposo, na qualidade de coordenadores e responsáveis pelas atividades. Participarão igualmente estudantes do Clube GE0DE. Prevê-se que estes estudantes continuem a acompanhar o trabalho no próximo ano letivo, independentemente do curso que venham a frequentar.

Antes de iniciar os trabalhos de construção e instalação de ninhos artificiais para aves de rapina no campo, convém ter algum conhecimento sobre as espécies que pretendemos estudar. Segue-se alguma informação para preparação da equipe que se vai envolver neste projeto.

Vejamos então essas espécies de aves de rapina noturna que interessa fixar na região.

Coruja das Torres – *Tyto alba*

A Coruja das Torres (Figura 1) mede cerca de 35 cm de altura e tem uma envergaduraⁱ quase de um metro. É uma espécie sedentáriaⁱⁱ entre nós, que aprecia as áreas humanizadas, ocupando muito frequentemente construções como torres de igrejas e celeiros (os ingleses chamam-lhe “Barn Owl”).

Produz vários sons, sendo o mais comum um “xeeee” mais ou menos prolongado.

Para a Coruja das Torres podem ser produzidos ninhos artificiais de muitos modelos diferentes. Os modelos em forma de “A”, muito usados em Inglaterra têm bons resultados comprovados. No entanto o mais importante são as dimensões da entrada (15x15 cm) e a área da base que deve ter por exemplo 90x45 cm ou um pouco mais.



Figura 1 – Coruja das Torres

Esta espécie gosta de construções humanas abandonadas e caça sobretudo em terrenos abertos de preferência com agricultura e árvores de fruto ou outras, mas também em espaços urbanos.

Para ouvir a Coruja das Torres:

<http://www.xeno-canto.org/explore?query=tyto+alba>

Podes ver também:

<https://www.youtube.com/watch?v=k8BPpi3qqEU>

Mocho Pequeno de Orelhas – *Otus scops*

O Mocho Pequeno de Orelhas (Figura 2) mede 20 cm de altura e meio metro de envergadura. Está entre nós apenas na época de reprodução, ou seja, na primavera e verão. É uma pequena ave de rapina que tem atividade quase exclusivamente noturna, e por isso pouco se vê. Emite um “piu” monótono, metálico e repetitivo mais ou menos de 3 em 3 segundos semelhante ao do sapo parteiro. Alimenta-se geralmente de insetos grandes, pequenos mamíferos, e mesmo pequenas aves e anfíbios.

As caixas ninho para esta espécie são semelhantes aos ninhos artificiais para aves insetívoras, mas com maiores dimensões: base 20x20 cm e altura 25 cm. A entrada pode ser feita por um orifício redondo com 6 cm de diâmetro.



Figura 2 – Mocho Pequeno de Orelhas

As fiadas de árvores entre campos de cultura são locais adequados para a colocação de ninhos, bem como pequenos aglomerados de árvores em campos abertos.

Para ouvir o Mocho Pequeno de Orelhas:

<http://www.xeno-canto.org/species/Otus-scops>

Mocho Galego – *Athene noctua*

O Mocho Galego (Figura 3) é uma ave sedentária ligeiramente maior que o Mocho Pequeno de Orelhas (23 cm de altura e um pouco mais de meio metro de envergadura). É a mais diurna das nossas aves de rapina a que costumamos chamar “noturnas”, e por isso é facilmente observável.

Emite um conjunto diverso de vocalizações, sendo característica uma sequência de “pius” com intervalos progressivamente menores e mais agudos. Alimenta-se geralmente de grandes insetos e roedores, podendo mesmo comer minhocas e pequenas aves.



Figura 3 – Mocho Galego

Na natureza o Mocho Galego pode usar como ninho cavidades de rochas quase ao nível do solo, buracos de árvores ou mesmo construções humanas.

Os ninhos artificiais para esta espécie podem ser construídos como um túnel de 50 cm de profundidade com 25x25 cm de largura. A entrada desta caixa deve ser circular com 7 cm de diâmetro.

Gosta de ambientes abertos com agricultura, da periferia das povoações, entre quintais e prédios de habitação. Ocupa igualmente ambientes abertos como as áreas cerealíferas e litorais arenosos.

Para ouvir o Mocho Galego:

<http://www.xeno-canto.org/explore?query=athene+noctua>

Coruja do Mato – *Strix aluco*

A Coruja do Mato (Figura 4), com o seu “uu---uu-uu-uuuu”, é a mais ouvida das corujas que habitam entre nós. É uma ave com quase 40 cm de altura e uma envergadura de mais de 90 cm. A Coruja do Mato é a mais florestal das aves de rapina noturna portuguesas, sendo a espécie sedentária dominante dos montadosⁱⁱⁱ alentejanos.



Figura 4 – Coruja do Mato

Por vezes é um animal agressivo na defesa do ninho e suas imediações, pelo que se deve ser cauteloso quando nas suas proximidades. A Coruja do Mato tem atividade quase exclusivamente noturna e alimenta-se sobretudo de roedores.

Na natureza utiliza buracos de árvores para fazer a postura e chocar os ovos.

As caixas-ninho para esta espécie têm 80 cm de comprimento por 35x35 de base, e uma entrada redonda com 15 cm de diâmetro. As crias saem do ninho muitas vezes antes de conseguirem voar e podem ser vistas nos ramos das redondezas do ninho.

Embora esta seja uma ave florestal, a Coruja do Mato usa como território de caça o espaço agrícola de quintas, pomares e hortas, chegando mesmo a viver em jardins das cidades.

Para ouvir a Coruja do Mato:

<http://www.xeno-canto.org/explore?query=strix+aluco>

Bufo Pequeno – *Asio otus*

O Bufo Pequeno (Figura 5) é uma ave de 35 cm de altura e de 90 cm de envergadura. É uma ave migratória passando entre nós apenas os meses de primavera e verão. Tal como a Coruja do Mato é uma ave bastante florestal, mas ao contrário desta não usa buracos de árvores para pôr os ovos.



Figura 5 – Bufo Pequeno

Esta ave usa ninhos construídos por outras aves, sobretudo Gralhas Pretas, e aí põe os ovos e cria os filhos.

Compreende-se assim que a diminuição do número de Gralhas Pretas comprometa a possibilidade de nidificar do Bufo Pequeno.

Os ninhos artificiais para esta espécie são feitos geralmente com cestas de vime com 40 cm de diâmetro e uma profundidade de 15 cm. Estas cestas são amarradas solidamente aos ramos das árvores, em especial pinheiros, de forma a compensar a falta de ninhos de Gralhas Pretas. No seu interior devem colocar-se ramas de pinheiro e outros pequenos paus. Podem colocar-se estes ninhos em particular em pequenos bosques de pinheiros ou de outras árvores, nas imediações de terrenos abertos.

Para ouvir o Bufo Pequeno:

<http://www.xeno-canto.org/explore?query=asio+otus>

Fontes

Buun, B., Delin H., Svensson, L.. Guia FAPAS de Aves de Portugal e da Europa. C. M. Porto.

<http://www.takum.es/wp-content/descargas/GuiaRapacesNocturas.pdf>

http://pt.encydia.com/es/Otus_scops

Fotos

Capa – mocho galego - *Athene noctua*:

<http://www.avesdeportugal.info/athnoc.html>

Tyto alba:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Coruja-das-torres#/media/File:Tyto_alba_close_up.jpg

Otus scops:

<http://coisasmesmofantasticas.blogspot.pt/2010/07/mocho-galego.html>

Athene noctua:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Mocho-galego#/media/File:Athene_noctua.jpg

Strix aluco:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Aluco#/media/File:Strix_aluco_aluco.jpg

Asio otus:

https://es.wikipedia.org/wiki/Asio_otus#/media/File:Waldohreule_in_freier_Wildbahn.jpg

-
- ⁱ - Envergadura é a distância que vai de uma ponta da asa à outra quando o animal está em voo.
 - ⁱⁱ - Sedentário significa “que reside permanentemente no mesmo local”, portanto “não migratória”.
 - ⁱⁱⁱ - Montado é um povoamento florestal aberto frequentemente composto por sobreiros ou azinheiras.